

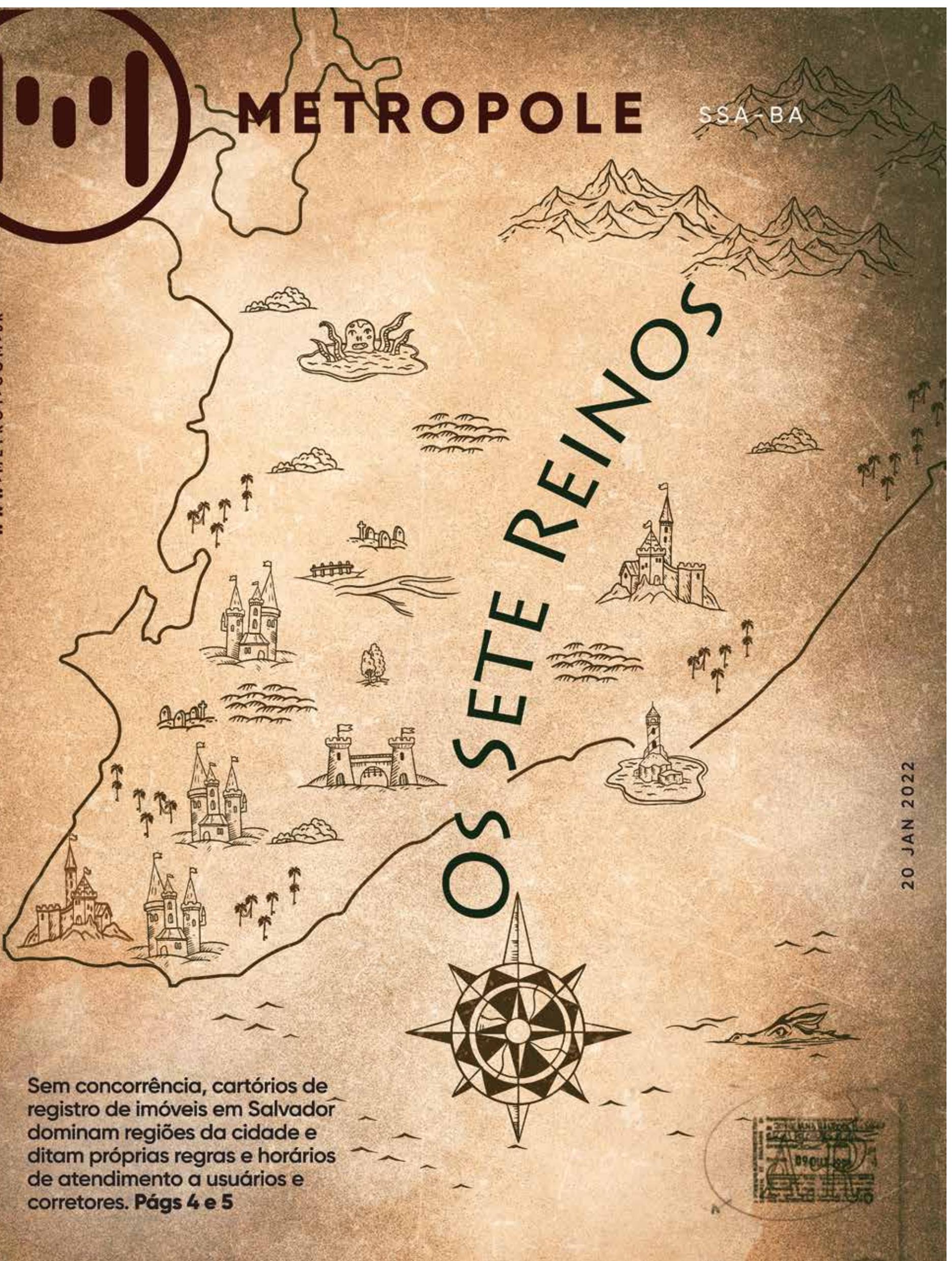


METROPOLE

SSA-BA

WWW.METRO1.COM.BR

OS SETE REINOS



20 JAN 2022

Sem concorrência, cartórios de registro de imóveis em Salvador dominam regiões da cidade e ditam próprias regras e horários de atendimento a usuários e corretores. **Págs 4 e 5**



Campeonato Baiano é um desafio

James Martins

Dia desses fui aproveitar as curtas férias em Itaparica, com meu filho e minha namorada. No meio do caminho pra praia havia um menino com uma bola. Coisa rara, podem reparar. Pedi pra ele tocar pra mim e senti de cara o toque do Brasil atual: sem habilidade. Mesmo assim, gostei de ver a brincadeira do menino (Isac), com meu menino (João), um tocando a bola pro outro na calçada, ambos sem habilidade. Já na praia, um trio maiorzinho conversava: “Você torce pra que time no Fifa?”, perguntou um deles. Referia-se ao Fifa Soccer, game do Playstation que vem fazendo os meninos brasileiros trocarem os pés pelas mãos. A resposta do outro foi um nome ininteligível para mim, mas que intuo seja um time só existente no jogo. “Não. Tem que ser um time de verdade”, retrucou o primeiro. E aí o outro decidiu-se pelo “Manchester City”. Tudo aquilo me fez lembrar a entrevista que fiz, há pouco tempo, na Rádio Metropole, com um dirigente do Barcelona de Ilhéus, time recém-fundado e que disputa pela primeira vez a primeira divisão do campeonato baiano.

Vamos aos fatos: seria quase impossível um daqueles meninos da praia

torcer para um time local, mesmo brasileiro, no Fifa. E, até mesmo na vida real, eles devem vestir as camisas gringas de Chelseas e Barcelonas bem distantes de Ilhéus para tirar onda na rua. O país do futebol não só não parece ser mais capaz de seduzir as crianças a jogar bola de verdade, como as obriga a assistir disputas estrangeiras se quiserem ver craques em ação. E agora vem a frase que costuma coroar este tipo de discurso — no meu tempo era diferente! Pior é que é verdade. Tanto que, quando meu pai disse que me daria um jogo de botão e perguntou que times eu queria, eu respondi: “Bahia e Fluminense... de Feira”. Nem existia um botão do tricolor feirense, mas, na lousa que simulava o placar da Fonte Nova, eu anotava com cuidado: “Ba 0 x 0 Flu/FS”. Ou seja, o campeonato baiano era minha referência primeira.

Voltando à entrevista, fiz questão de enfatizar minha torcida pelo sucesso do Barcelona do cacau. Assim como torço sinceramente pela afirmação do Unirb, do Doce Mel e para que outras iniciativas similares apareçam, todas no horizonte da Catuense do heróico presidente Antônio Pena. É tudo muito difícil, mas espero mesmo que a final do ano passado,

pela primeira vez uma disputa exclusivamente interiorana (Bahia de Feira x Atlético de Alagoinhas) sirva para tornar o Baianão mais equilibrado e atraente. Mas que seja pelo fortalecimento dos clubes menores, não pela decadência dos maiores, que é o que está rolando agora. Aliás, a dupla BaVi já estreou com gosto de déjà vu.

Por fim, a internacionalização do nosso gosto futebolístico remete àquela história do jogador Dirran, que após arrasar num jogo no interior foi questionado sobre sua ascendência francesa, evidentemente expressa no sobrenome chique. “Não, meu apelido é Cu de Rã, mas como não pode falar isso no rádio o pessoal encurtou pra Dirran”. É isso aí!

Seria quase impossível um daqueles meninos da praia torcer para um time local, mesmo brasileiro, no Fifa

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor-chefe **André Uzêda**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **André Uzêda, Geovana Oliveira, Luciana Freire, Rodrigo Meneses e Tailane Muniz**
Revisão **André Uzêda e Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br

Rua Conde Pereira Carneiro, 226Pernambúes CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000





manuela cavadas/metropress

Solar Boa Vista

Casa do poeta Castro Alves na infância, o casarão do Solar Boa Vista, no Engenho Velho de Brotas, ameaça ruir, levando parte importante da história da cidade. O tema foi abordado na reportagem de capa da última edição do **Jornal da Metropole**. O governo do

estado estuda um projeto de revitalização do espaço, mas que ainda não saiu do papel. O lugar é tombado pelo Iphan, mas desde 2013, quando foi destruído por um incêndio de enormes proporções, está completamente abandonado.



foto do leitor/divulgação

Lixão na Chapada

Proibidos por lei desde 2014, lixões continuam ativos na Chapada Diamantina, causando doenças e danos ambientais. Uma destas vergonhas a céu aberto está na cidade de Palmeiras, onde a montanha de entulhos fica no caminho para a comunidade quilombola do Corcovado.

**VAMOS CHEGAR A SALVADOR
PARA CUIDAR DE VOCÊ.
NA BAGAGEM, 41 ANOS
DE TRADIÇÃO.**

UMA DAS MAIORES E MAIS COMPLETAS REDES DE SAÚDE DO BRASIL VAI CHEGAR PARA SOMAR.

FALTA POUCO PARA SALVADOR GANHAR EM SAÚDE. COM UMA ESTRUTURA MODERNA E SUSTENTÁVEL, O MATER DEI VAI CHEGAR PARA CUIDAR DE VOCÊ. SÃO DÉCADAS DE EXPERIÊNCIA NA ÁREA DA SAÚDE, CERTIFICAÇÕES INTERNACIONAIS DE QUALIDADE E, PRINCIPALMENTE, UM ATENDIMENTO HUMANIZADO. É O JEITO MATER DEI DE ACOLHER.

**Tudo pra você
ficar bem!**

materdei.com.br

Para saber mais sobre a Rede Mater Dei de Saúde acesse o QR Code.

Meu reino, minhas regras

Privatizados há dez anos, cartórios de registro de imóveis não têm concorrência em Salvador; sete deles dominam áreas da cidade estabelecendo suas próprias normas e horários de serviço

Texto **Rodrigo Meneses**
rodrigo.meneses@metro1.com.br

O corretor Otoni Henrique Viveiros passou um ano e dois meses para concretizar a venda de uma casa herdada por dois irmãos. Isso porque o cartório do 1º Registro de Imóveis de Salvador exigiu o inventário da esposa falecida de um deles.

Feito o inventário da falecida, ficou comprovado que a casa não constava na relação dos bens dela. “Ou seja, o cartório exigiu uma documentação de uma pessoa que não tinha direito ao imóvel que estava sendo negociado. Se não fosse isso, a venda seria feita em dois meses”, relembra Otoni.

A situação descrita pelo corretor é um exemplo das inúmeras reclamações da categoria em relação ao mau serviço prestado pelos sete cartórios de registro de imóveis de Salvador. “Essa foi a situação mais absurda que vivi, mas diariamente temos que lidar com o mau humor, falta de orientação e o desrespeito dos titulares dos cartórios, com os quais não conseguimos ter acesso”, afirma Otoni.

A lei estadual nº 12.352 de 2011, que determinou a privatização dos cartórios extra-





judiciais na Bahia, completou 10 anos em setembro passado.

O ato de privatizar, na opinião dos corretores, não significou melhoria no serviço prestado nos cartórios de registro de imóveis. A explicação é simples. Não há concorrência entre eles, pois cada um atua em uma determinada região da cidade. Ou seja, o cidadão só pode buscar serviços no cartório responsável pelo bairro onde o imóvel está situado.

É diferente dos cartórios de registro civil e pessoas naturais, também privatizados. Nestes, o cidadão pode escolher em qual ir e a qualidade do serviço é um diferencial na disputa do público.

As queixas de usuários e corretores são tão recorrentes que fizeram o Creci-BA (Conselho Regional de Corretores de Imóveis) enviar ofício pedindo providências para a Corregedoria Geral de Justiça, órgão do Tribunal de Justiça da Bahia (TJBA), responsável por fiscalizar a atuação dos cartórios na capital e no interior do estado.

Segundo o Creci, o mau serviço prestado está prejudicando a atividade econômica do mercado imobiliário.

Segundo a entidade, as principais re-

clamações são a falta de atendimento e orientação aos usuários, além do não cumprimento dos prazos. “Os registradores, salvo raríssimas exceções, se negam a atender e orientar os usuários e corretores de imóveis, o que dificulta sobremaneira, o cumprimento das notas devolutivas e apresentação dos documentos de forma correta; os cartórios, frequentemente, não estão cumprindo os prazos para análise, registro ou averbação de documento”, diz trecho da nota do Creci.

Os corretores explicam que para dar entrada na maioria dos serviços é necessário pagar um Documento de Arrecadação Judicial e Extrajudicial (Daje) no valor de R\$ 59 e entregar a documentação exigida para o serviço solicitado. Os funcionários analisam a documentação e podem apontar pendências a serem resolvidas ou dar seguimento ao protocolo. O Daje tem validade de 30 dias.

O problema, relatam os corretores e usuários, é que a maioria dos cartórios apontam pendências próximas ao prazo de expirar a validade do documento. Com pouco tempo para resolver a pendência, o cidadão precisa pagar outro Daje de preno-

tação. Isso já é um transtorno, mas o problema maior, segundo o corretor Marcos Campos, é quando aparecem pendências mesmo após a emissão do Daje complementar.

“O Daje complementar é para ser emitido quando não existem pendências, mas, ainda assim, eles apontam problemas nessa fase. Não conseguem dizer tudo que precisam de uma única vez. Passei quase o ano de 2019 inteiro para fazer uma averbação na escritura de um imóvel no cartório do 6º ofício”, relata Marcos. Atualmente ele trabalha com a venda de apartamentos novos e comemora o fato de não precisar encarar a burocracia dos cartórios diariamente.

Erotildes Silva Júnior é corretor e despachante há 22 anos e não hesita em dizer que a privatização piorou os serviços. “Os cartórios cobram documentos diferentes para oferecer o mesmo serviço. Não há padronização. Tem cartório que exige certidões que não são mais obrigatórias”.

Ele ainda reclama dos horários de funcionamento. “Alguns abrem de 8h às 12h, outros até 15h. Horário muito reduzido”, complementa.

“Agem como se fossem reis”

4

REGISTRO DE IMÓVEIS (STIEP) - CIDADE BAIXA E ILHAS (MARÉ, CAPETA, M. GLÓRIA, VACAS, BOM JESUS, FRADES).

5

REGISTRO DE IMÓVEIS (GRAÇA) - BARRIS, SÃO PEDRO, PIEDADE, CARLOS GOMES, LARGO 2 DE JULHO, SÉ, PELOURINHO, CENTRO HISTÓRICO, CHILE, PAÇO, SAÚDE, SANTANA, NAZARÉ, JARDIM BAIANO, TORORÓ E BARBALHO.

6

REGISTRO DE IMÓVEIS (BARRA) - RIO VERMELHO, VALE DAS PEDRINHAS, AMARALINA, PITUBA, ITAIGARA, CAMINHO DAS ÁRVORES, IGUATEMI, STIEP, COSTA AZUL, JARDIM DE ALAH, JARDIM ARMAÇÃO, CENTRO DE CONVENÇÕES, NORDESTE SANTA CRUZ, AV. TANCREDO NEVES (LADO PAR), AV. ANTONIO CARLOS MAGALHÃES (LADO PAR).

7

REGISTRO DE IMÓVEIS (AV. MAGALHÃES NETO) - PARALELA, IMBUÍ, PIATÁ, PLACAFOR, BOCA DO RIO, PATAMARES, PITUAÇU, CORSÁRIO, ITAPUÁ, STELLA MARIS E PRAIA DO FLAMENGO.

Para Erotildes, a situação só vai melhorar quando o TJ mudar o regimento de registro público de imóveis e assim o cidadão poder escolher em qual cartório deseja buscar o serviço. “Só assim haveria a concorrência que existe nos cartórios de notas, que prestam um serviço excelente justamente por causa da concorrência. Falta também fiscalização do TJ”, reclama.

Essa ausência de concorrência faz com que os titulares dos cartórios tenham um comportamento de reis, na opinião do corretor Otoni Henrique. “Não é possível ter um contato com eles para obter orientação. Isso só vai acabar quando for possível registrar o imóvel em qualquer cartório”, concorda.

O coordenador jurídico do Creci, Wilson Lima, disse que o conselho apresentou as queixas gerais ao TJ, para alertá-los sobre o problema e exigir dos cartórios um esforço para melhorar o serviço.

O **Jornal da Metropole** entrou em contato com TJBA, mas não obteve retorno

até o fechamento desta edição.

Os corretores e usuários podem denunciar a má qualidade do serviço ou qualquer tipo de abuso diretamente na Corregedoria Geral de Justiça. As denúncias podem ser feitas pelo site do Tribunal de Justiça da Bahia.

Isso só vai acabar quando for possível registrar o imóvel em qualquer cartório

Otoni Henrique
corretor de imóveis

A cidade hostil aos pobres

Arquitetura agressiva e processo de remoção são encarados como ‘aporofobia’; termo designa modelo violento de combate à pobreza nas grandes cidades

Texto Geovana Oliveira

geovana.oliveira@radiometropole.com.br

Há quase um ano, no dia 2 de fevereiro, uma imagem simbólica. Um padre, de 72 anos, vestido com máscara, luvas, um avental da baiana Santa Dulce dos Pobres carregava uma marreta em uma das mãos. Em meio à pandemia, Júlio Lancellotti saiu para quebrar os blocos de paralelepípedos que haviam sido instalados na parte inferior de viadutos da capital paulista. O coordenador da Pastoral do Povo de Rua da Arquidiocese de São Paulo pontua, hoje, que aquele foi um gesto contra a aporofobia.

De *aporos*, grego para pobre, e *fobia*, aversão ou medo, a palavra nomeia a hostilidade a alguém em situação de pobreza.

De acordo com a ferramenta de tendências do Google, a procura pelo termo no buscador online teve um aumento repentino em 2021. Um dos motivos foi o movimento do padre Júlio contra o ódio aos pobres, que já rendeu até uma lei em sua homenagem.

O projeto de lei “Padre Júlio Lancellotti” proíbe o emprego de técnicas de construção hostil nas cidades. Aquelas que, assim como os paralelepípedos nos viadutos,

utilizam de equipamentos físicos para restringir o uso de espaços públicos principalmente por pessoas em situação de rua.

“Eu tive contato [com o termo aporofobia] através da obra da filósofa Adela Cortina que cunhou esse termo num livro que inicialmente tive acesso em espanhol e depois publicou-se em português [Contracorrente, 2017]. A importância é porque fala do rechaço aos pobres, da rejeição dos grupos mais descartáveis, e entre eles a população em situação de rua. Essa aporofobia, esse ódio aos pobres sempre existiu. Ele agora está sendo nominado e vai ficando cada vez mais claro. As pessoas vão percebendo que ele faz parte do nosso comportamento”, conta o padre Júlio Lancellotti em entrevista ao **Jornal da Metropole**.

Com a popularização do termo, o padre começou a receber denúncias de todo o Brasil. “As pessoas me mandam, não é que eu peça. As pessoas vão associando, percebendo, e mandando. Então todos os dias chega uma”, diz.

Na última semana, um restaurante de Salvador apareceu no perfil do Instagram do religioso. Na foto, que já circulava nas redes sociais, é registrado um canteiro de flores em frente ao estabelecimento, com

garras de ferro para evitar aproximação. Na legenda, apenas “Salvador. Bahia. Inacreditável!”. Nos comentários, uma usuária afirma: “Essa foi uma das piores manifestações de aporofobia publicadas até agora”.

Diante do alcance nacional do religioso, a publicação que denuncia a medida do restaurante atingiu mais de 30 mil curtidas. Em pouco tempo, o Mignon, estabelecimento de alto padrão da Graça, respondeu que iria remover os ferros.

Mas o restaurante está longe de ser o único estabelecimento que emprega ou empregou a arquitetura hostil em Salvador.

MP APURA CASO

“A gente convive com isso há muito tempo. Essa palavra, aporofobia, para mim é nova, mas a gente já convive com isso, que é o ódio aos pobres”, diz Sueli Oliveira, coordenadora nacional do Movimento População de Rua. De acordo com ela, que viveu seis anos nas ruas de Salvador, a arquitetura hostil e a higienização estão presentes na capital baiana.

“A verdade é que querem cuidar da cidade e não das pessoas. Por causa do preconceito, a sociedade até hoje não acolheu essa população. Parece que não faz parte





dimifri.org/alo_cerqueira/metropress



divulgação

Foto 1 - Fiscais da prefeitura abordam moradores em situação de rua no viaduto do Politeama.

Foto 2 - Padre Júlio com marreta, em SP
Foto 3 - Na Graça, restaurante Mignon colocou garras de ferro em canteiro



reprodução

da sociedade”, diz Sueli e cita casos na região do Pela Porco, na Avenida Sete Portas, e no Viaduto do Politeama.

Após denúncia do Movimento População de Rua, o Ministério Público da Bahia instaurou procedimento administrativo para apurar o processo de limpeza realizado na região do Pela Porco, pela Secretaria de Promoção Social e Combate à Pobreza (Sempre) e pela Empresa de Limpeza Urbana de Salvador (Limpurb). Em vídeo, é possível ver um caminhão da Limpurb (Empresa de Limpeza Urbana de Salvador) e uma van da prefeitura removendo os pertences das pessoas em situação de rua.

A resposta da prefeitura foi de que estava sendo feito um acolhimento para levar as pessoas, mas Sueli afirma que a abordagem é agressiva. “É necessário que ofereça vínculo com a população de rua e escute suas demandas”, afirma.

“Falam que a população de rua tá na rua porque quer. Não é isso. Não conhecem a verdadeira história dessas pessoas. Imagine eu, criada por minha avó com todo denço do mundo, tinha uma vida humilde, mas nunca tinha passado fome. Eu fui parar na rua. Foi por que quis? Não. Eu perdi meu avô, depois minha avó, depois saí do interior e vim parar em Salvador com minha mãe, que já tinha outra família. Aos poucos fui parar em situação de rua. Quem está na rua sabe como é a rua, a hostilidade, a violência e o desrespeito”, conta.

Em Salvador, cerca de 240 mil pessoas viviam abaixo da linha de extrema pobreza em 2020, segundo pesquisa do IBGE divulgada no último mês. Isso significa que 8,9% da população da capital baiana sobrevivia com rendimento domiciliar por pessoa inferior a R\$ 153 por mês. Destes, muitos precisam das ruas para se sustentar. Sueli e o padre Júlio Lancellotti se unem em uma única proposta: sair da hostilidade para a hospitalidade.

“A resposta que a sociedade de imediato encontra não é acolher, é afastar”, diz o religioso. Mas, segundo ele, o processo inverso, como o que faz, humaniza a vida. “Tanto a vida deles, quanto a minha a vida fica mais humana neste processo. A vida se humaniza no que acolhe e no acolhido”, conclui.



Santo nome de Deus em vão

Regida por preceitos religiosos, Faculdade Batista Brasileira deve quase R\$ 2 milhões; professores não recebem há seis meses

Texto Tailane Muniz
tailane.muniz@radiometropole.com.br

O slogan vende a ideia de que há atributos para formar profissionais com competência de transformar vidas, ao passo que a Faculdade Batista Brasileira (FBB) negligencia os direitos trabalhistas justo dos responsáveis por tal formação: os professores.

O corpo docente da conhecida Unibatista viu a cor do salário pela última vez há seis meses. Daí em diante, o setor pessoal atribuiu a responsabilidade ao financeiro, que joga no colo da direção. Esta, por sua vez, não sinaliza a regularização da dívida de pelo menos R\$ 2 milhões.

Diretora-geral da instituição evangélica desde 2018, Andréa Pinto Brandão de Oliveira Kraus nega uma conversa amistosa com os profissionais, e responde, na condição de ré, no Tribunal de Justiça do Distrito Federal (TJ-DF), a um processo por lavagem de dinheiro — cujo acórdão, decisão em 2ª instância, determinou, em 2020, a pena de quatro anos e oito meses de reclusão em regime semiaberto.

Em nota enviada à reportagem, Andréa isenta-se de detalhar o débito com os educadores da FBB e limita-se a justificar a “inadimplência” dos alunos como razão

do débito com os professores. Em síntese, diz que “exerce seu direito de ampla defesa, envidando todos os esforços para provar sua inocência”.

Pouco vista nos corredores da faculdade, Andréa Kraus é irmã da vereadora Lorena Brandão (PSC) e do secretário nacional de Renda e Cidadania, Átila Brandão Jr.

Eles são filhos do bispo Átila Brandão, patriarca da Igreja Batista do Caminho das Árvores, ligada à unidade de ensino superior e ao Colégio Batista, localizados no mesmo prédio, no bairro do Itaipara, em Salvador.

A vida pessoal da diretora pouco interessava aos professores da FBB, até a dívida tomar proporções cada vez maiores e eles iniciarem uma pesquisa a fim de saber quem é a gestora para além das assinaturas nos relatórios.

Foi então que a acusação por parte da Quinta Vara Criminal de Brasília tornou-se publicamente conhecida pelos docentes que, se antes levantaram certa desconfiança, já não têm dúvida: “Há algo muito errado ali. A gente achava que era apenas uma questão de dificuldade financeira, mas não duvido que [a faculdade] seja um jeito de fazer a mesma coisa [corrupção]”, diz um dos 60 professores da instituição, em anonimato.

O relato de outra professora, que também não se identifica por medo, é de que muitos colegas recorrem a doações de familiares para arcar com as próprias despesas. Ela lembra que, em uma das poucas vezes em que conversou com os educadores, em dezembro, Andréa chorou, lamentou a situação e garantiu que um empréstimo traria a solução para tudo, incluindo férias e 13º (atrasados desde 2020).

Isso nunca aconteceu e muito menos ela voltou a procurar os profissionais, que seguiram com as aulas e lançamento de notas mesmo com o saldo zerado.

Em meio ao cenário de negligência, e aparente normalidade em seus perfis nas redes sociais, a faculdade abriu novas turmas para os cursos de administração, ciências contábeis, pedagogia, teologia, direito, enfermagem, gastronomia, fisioterapia e nutrição.

O semestre letivo começa no primeiro dia de fevereiro e, até dezembro, cerca de 400 estudantes haviam realizado matrícula e rematrícula — possível apenas após regularização de mensalidades.

“Ou seja, tem dinheiro entrando. A gente sabe que para outros fins, mas não para pagar o que a FBB nos deve. Nunca passei por uma situação tão humilhante”,





Andréa Brandão é diretora-geral da FBB. Ela foi condenada em segunda instância por lavagem de dinheiro pelo Tribunal de Justiça do Distrito Federal

pontua a mulher, profissional da educação superior há 15 anos.

LAVAGEM DE DINHEIRO

A Justiça diz que, entre dezembro de 2005 e setembro de 2011, Andréa Kraus e o então marido, Maurício Ribeiro de Araújo, agiram de forma conjunta em um esquema de lavagem de dinheiro público, em Brasília, orquestrado e executado pelo ex-delegado Durval Barbosa Rodrigues.

À época, eles ocupavam os cargos de presidente da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan), secretário estadual de Assuntos Sindicais e secretário estadual de Relações Institucionais do Distrito Federal, respectivamente. Pesa sobre eles a natureza ilegal de pelo menos R\$ 1 milhão.

De acordo com a Justiça, Durval atuava como “arrecadador de vantagens econômicas ilícitas” oferecidas por empresários contratados para prestação de serviços de informática à sede administrativa. Atuação que, na prática, funcionava às avessas quanto à atividade e também ao ramo.

“Maurício e Andrea, então casados, promoveram a constituição de quatro empreendimentos comerciais franqueados junto à rede Subway, valendo-se de

recursos ilícitos encaminhados por Durval”, assegura o acórdão de julho de 2020.

O texto expõe ainda que Maurício e Andrea viajaram para os Estados Unidos, para um curso na rede Subway, com despesas pagas por Barbosa. A defesa de Andrea, àquela altura separada de Maurício, afirmou em juízo que não houve dolo, ou seja, a intenção de compactuar com a prática ilegal.

A religiosa mora atualmente em Salvador e responde em liberdade, informou o TJ-DF ao **Jornal da Metrópole**. A condição é possível desde novembro de 2019, quando o Supremo Tribunal Federal (STF) determinou que a execução provisória da pena é inconstitucional. Significa dizer que os acusados só respondem reclusos se for decretada a prisão preventiva durante o processo.

Em fase de recurso, a acusação contra Andréa será pauta na 1ª Sessão Ordinária Virtual, entre 2 e 9 de fevereiro.

Outras três pessoas, familiares de Durval, corréus no processo, já foram absolvidas. A reportagem tentou contato com Barbosa e Maurício Ribeiro, mas não obteve retorno. Já Andréa, via assessoria, se diz “certa de que não participou de qualquer empreendimento ilícito, tampouco praticou qualquer ato irregular senão venda de alimentos e lanches”.

Sindicato indica greve

Presidente do Sindicato dos Professores na Bahia (Sinpro), Allyson Mustafá comenta que, ao ser informado da situação na FBB, em dezembro, de imediato notificou a instituição, fundada há 25 anos. “[Os professores] procuraram a gente de forma desesperada. Nosso ponto de partida nunca é greve, mas como esgotamos as possibilidades, a orientação é essa”, explica Mustafá, ao lembrar que os educadores do Colégio Batista, sob a mesma direção, vivem o mesmo drama. Eles não têm salários, férias, 13º, menos ainda recolhimento do INSS e FGTS.

Em sigilo, um outro professor da Unibatista conta que, desde que fez a leitura dos autos do processo, não consegue relacionar a imagem de Andréa à anterior. “As coisas começam a fazer sentido. A justificativa era a de que ela enfrentava um problema de saúde, agora sabemos que não é bem isso”. Ele afirma que o Ministério Público do Trabalho (MPT) indeferiu a atual denúncia contra a instituição, sob a alegação de que já há duas outras de igual teor, de 2016 e 2018, e aponta que Andréa entrou na presidência depois que um tio deixou o cargo sob suspeita de desvios. O educador lamenta ter firmado contrato de trabalho por atribuir à Faculdade Batista Brasileira a credibilidade devida a uma instituição que, ao menos na teoria, prega respeito e outros valores morais.

Nunca passei por uma situação tão humilhante

Professor da faculdade
Sob anonimato



O BBB e os gripários

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metropole

Por um bom tempo as pessoas comuns podem respirar um tantinho mais aliviadas quanto a fazer ou dizer coisas nas redes sociais sem precisar serem originais. Afinal, o país agora tem um foco, um tema em comum para atrair a atenção e a ira até de quem diz não suportar o programa e chega ao ponto de desejar, em público, que todos lá dentro contraíam Covid e ninguém saia vivo, como fez esta semana uma autoridade em saúde pública. Ironias ou exageros à parte, está no ar, ao vivo, 24 horas por dia, o BBB22.

Embora muita gente adore e precise anunciar ao mundo que o reality é tudo de pior do mundo do entretenimento e tals, a Rede Globo, anunciantes e patrocinadores não têm motivos para lamentos. O sucesso do programa é absoluto, em faturamento e audiência. Mesmo quem tem zero interesse no assunto não consegue se manter desinformado sobre o que acontece na casa cenário do Projac onde são confinadas as 20 pessoas desta edição. Até agora, 17, pois três dos selecionados estão contaminados com o vírus da Covid e só poderão entrar para participar após a ausência do agente no organismo. Não se pode usar aplicativo de conversa, redes sociais, entrar em sites, ver TV, ler jornais, usar e-mail sem ser simultaneamente bombardeado com uma quantidade absurda de informações sobre o BBB.

Seja política, eleições, polarização, racismo, economia, preconceitos, identitarismo, igualdade ou desigualdade socioeconômica, tudo, todos os temas discutidos no país parecem obrigatoriamente passar pelo filtro da abordagem do Big Brother. O programa parece agendar a esfera pública nacional mais

do que a imprensa faz. Como as novelas até a década de 80, que atingiam um nível de adesão temática na sociedade brasileira perto dos 100%, o reality tornou-se um centro propagador de debates, dos mais sérios aos mais inúteis. Tudo sai da tal casa. E cada fala ou cena atinge picos em recirculação e espalhamento.

Nesse janeiro esquisito, no auge de um verão que sobrepõe as férias de muita gente, o calor de matar, o movimento do foda-se o vírus e vamos todos para a rua, para a praia e para os bares mesmo com um índice de contágio de covid jamais visto nos dois últimos anos, os brasis da televisão e das ruas giram em torno dessas duas engrenagens: nas telas, as rações temáticas ofertadas como entretenimento no BBB e às quais todos parecem se sentir obrigados a regir. E a interagir com. Inclusive este texto. Nas ruas, que também têm pedacinhos expostos nas telas, as pessoas reais estão, neste janeiro, atravessadas pela doença.

As cenas diárias de filas com centenas de pessoas desde as madrugadas em busca de um teste nos postos de saúde e gripários parecem outro reality, de tanto que se aproximam de testes de resistência. Como o índice de contaminação é gigantesco e quem adoece precisa de um diagnóstico, de um atestado médico para justificar a ausência no trabalho ou de socorro médico - quando não são das três coisas juntas-, para onde a maioria vai? Por mais que as secretarias municipais de saúde expliquem quem deve ir para posto de saúde, para gripário e para emergência ou hospitais, gerais ou especializados, a vida real impede que a população possa se dar ao luxo de fazer

esta ou aquela consideração e vai todo mundo para a primeira porta onde se lide com atendimento e saúde.

SUNGA E BARATAS

Embora o número de mortos seja hoje baixo em relação aos índices do auge da pandemia, quem adoece sente o contágio associado aos riscos e não à queda dos percentuais de agravamento por conta da vacina ou pelo baixo risco de morte até então associado à variante Ômicron. Os percentuais de agravamento caíram? Muito. Mas se há mais gente contaminada do que jamais houve, mesmo percentuais baixos de números altíssimos podem colapsar o sistema de saúde. Além disso, é enorme o número de profissionais de saúde simultaneamente em casa, com atestado médico por estarem contaminados. É prova de resistência física e psíquica todos os dias.

Nos gripados, profissionais de saúde são ameaçados, apanham, são trancados em salas por pacientes ou familiares coléricos e desesperados. Do outro lado, são filas de gente que não consegue sequer cruzar a porta de entrada de uma instituição de saúde. Como não se trata da lógica do mocinho e do bandido nem de torcida por quem resiste aos testes de resistência, é só o horror brasileiro assistir na TV do telejornal pessoas desmaiando doentes em filas de testes. Talvez o apelo tão grande por ver o neto de Silvio Santos de sunga ou uma cantora sertaneja matando barata com o pé descalço seja por isso: quem aguenta, sem entretenimento, ver tanto Brasil real? Melhor o do reality.



reprodução



Pesquisa paga dá o resultado desejado

O clima no comitê de campanha do PT tem sido de euforia na última semana. Uma pesquisa interna, encomendada pelo partido, ao qual a coluna teve acesso, fala de uma substancial redução da diferença entre Jaques Wagner, pré-candidato pela legenda, e o principal adversário, ACM Neto (DEM). Em três meses, a distância entre os dois teria caído 19 pontos (de 35 para 16). Em um cenário que atrela Lula diretamente a Wagner, o petista até aparece na frente (46 a 30). As ressalvas, no entanto, são muitas. Pesquisas de monitoramento - os famosos tracking - costumam dar o resultado que o contratante deseja, sobretudo com uma antecedência tão grande para a disputa.

reprodução



Esperando as Águas de Março

O governador Rui Costa (PT) adiou o prazo dado por ele mesmo para definir a chapa que apoiará nas eleições de outubro. Em entrevista à Rádio Metropole, na antevéspera do Natal, o petista disse que em janeiro definiria toda a composição do grupo para a disputa. O nome do ex-governador Jaques Wagner já é dado como certo para encabeçar a chapa. Restam as duas vagas para o Senado. Na primeira, tudo certo. Otto Alencar (PSD) deve concorrer à reeleição. Na outra, mora a discórdia. Há pressão para que o próprio Rui saia como candidato. Numa outra vertente, o nome de João Leão (PP) aparece como provável postulante. Nessa dividida, Rui declarou que só deve definir tudo "até o fim de março".

reprodução



Pisou fundo no cofre público

Um servidor da cidade de São José do Jacuípe, a quase 300 km de Salvador, foi demitido nesta semana depois de pisar fundo no cofre público. O funcionário foi flagrado a bordo de um carro oficial do município, em horário de expediente, deixando um motel em Jacobina. Se estava trocando o óleo do veículo ou fazendo um test drive em um modelo novo, não se sabe... Aliás, nem o nome do apaixonado motorista foi divulgado, gerando um intenso burburinho na cidade sobre sua identidade.

Vice mulher

Cresce entre apoiadores de Bolsonaro o desejo que a Ministra da Agricultura, Tereza Cristina (DEM), seja a escolhida como vice na disputa à reeleição. O atual, Hamilton Mourão (PRTB), é dado como carta fora do baralho por divergências - ora públicas, ora privadas - com o presidente. Outro militar corre por fora: o general Braga Netto. Tereza, entretanto, é vista como mais simpatia, além de tentar neutralizar o argumento (forte) sobre a misoginia de Bolsonaro.

Vou nada...

Sérgio Moro tem utilizado a melhor tática do "cão que ladra, não morde". Em entrevistas Brasil afora, diz que debate com qualquer um. Sempre que chamado, porém, escapa. Foi assim quando Ciro Gomes (PDT) pediu que a **Rádio Metropole** organizasse o encontro entre eles e, mais recentemente, quando um grupo de advogados aceitou o convite. Moro disse não.

Responsável Técnico:
Dra. Silvana Rocha
CROBA - 14011



CURSOS DE REFERÊNCIA

para você!

INSCRIÇÕES ABERTAS

srcursos.com.br
71 9 9684 - 9438



SR
CURSOS

Curso
VIP





Fora do agro(tóxico)

Mesmo mais caros, produtos orgânicos e agroecológicos têm conquistado parcela significativa no mercado por proteger consumidor de pesticidas e outras substâncias usadas para eliminar pragas

Fotos Dimitri Argolo Cerqueira

Texto Luciana Freire

luciana.santana@metro1.com.br

Na última semana, a rede Atacadão, uma das maiores de supermercado da Bahia, foi multada em R\$ 100 mil pela venda de frutas e hortaliças com resíduos de agrotóxicos proibidos pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

A notícia acende um alerta vermelho, e mais uma vez nos questionamos: temos segurança com a procedência dos alimentos que consumimos e compramos nos mercados?

Primeiro é importante deixar claro que o uso de agrotóxicos é comum no mundo todo e permitido. Geralmente são usados para evitar pragas em uma plantação. Mas o buraco aqui é mais embaixo. Quando a quantidade permitida é violada, os riscos para quem os consome são grandes e podem ocasionar problemas em curto, médio e longo prazo, a depender da substância utilizada e do tempo de exposição.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) afirma que os agrotóxicos causam 70 mil intoxicações agudas e crônicas por ano em países em desenvolvimento. O Bra-

sil vem sendo o país com maior consumo destes produtos desde 2008, muito por causa do seu protagonismo no agronegócio.

Por aqui, há três órgãos com competência para realizar a fiscalização do uso de agrotóxicos: o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais (Ibama) e a Anvisa. Eles verificam, por exemplo, as condições de qualidade e quantidade dos produtos.

Mesmo com a quantidade de fiscalização, os números sobre o tema têm sobressaltado: entre janeiro e dezembro de 2021, o governo federal aprovou o registro de 500 agrotóxicos, recorde da série histórica iniciada em 2000 pelo Ministério da Agricultura. O governo Bolsonaro tem liberado essas substâncias em um ritmo sem precedentes, muitas delas proibidas na União Europeia há 20 anos. E, novamente, voltamos à pergunta: como ter segurança?

Os orgânicos são, sim, uma opção. “Acredito que é uma questão de educação. Por meio dos pais, da escola, se entenderá melhor os ganhos para a saúde, física e intelectual, para quem consome o orgânico. A minha loja existe desde 2018 e o nossos produtos são oriundos do Núcleo

Raízes do Sertão, grupo do território de Irecê, que possui o selo coletivo da Rede de Agroecologia dos Povos da Mata. A fiscalização é anual, e é essa a segurança que eu procuro e ofereço”, explica Fabio Santana, proprietário da loja Boi Vivo, no largo Dois de Julho, em Salvador.

“Quanto a questão econômica, entendemos o contexto social de desigualdade em que vivemos. Muitos comem sem ter opção. Mas eu acredito que no futuro o acesso ao alimento orgânico será mais possível para a maior parte da população”, defende Santana.

PARCEIROS

Os alimentos orgânicos são fiscalizados pelo Sistema Brasileiro de Avaliação de Conformidade Orgânica (SISORG), administrado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. O conceito desse produto é que sua produção acontece sem o uso de agrotóxicos sintéticos, transgênicos ou fertilizantes químicos. E ainda possui o atrativo de conservar o solo, reduzir danos ao ambiente, e como consequência, promove a biodiversidade.

No entanto, uma das maiores desvan-



2



4



5



3



6

Foto 1: Agricultura familiar produz mirtilo livre de agrotóxicos na Chapada Diamantina.

Foto 2 e 3: Comerciantes vendem produtos orgânicos, no 2 de Julho e Horto Florestal

Foto 4, 5 e 6: Embora mais caros, produtos orgânicos têm sido mais buscados nos mercados da Bahia

tagens desse produto é que os alimentos orgânicos certificados são geralmente mais caros do que os convencionais, por várias razões, tais como o fornecimento limitado em relação à demanda e também porque os custos de produção tendem a ser maiores, além de questões de manuseio e transporte. Tudo isso agrega valor e encarece o produto final. Mas há ainda al-

ternativas para quem busca uma alimentação segura e mais barata, e esse seria o produto agroecológico.

A diferença entre o orgânico e o agroecológico está no processo de produção do produto. Os critérios são definidos por lei, e, basicamente, as práticas agroecológicas podem ser vistas como práticas de resistência da agricultura familiar — pequena propriedade, em sistemas produtivos complexos e diversos, adaptados às condições locais de produção e distribuição de alimentos.

Na Universidade Federal da Bahia, na praça das artes, no campus de Ondina, costumava acontecer, antes da pandemia, a Feira Agroecológica da UFBA.

Por meio de uma disciplina teórica e prática, os alunos aprendem os principais conceitos que definem os fundamentos da Agroecologia e na parte prática ocorrem as feiras, todas as sextas-feiras das 7 às 13 horas, a com participação de agricultores, feirantes, consumidores e toda comunidade acadêmica.

Qualquer pessoa pode entrar no campus e comprar na feira, que possui produtos acessíveis. A ideia é voltar ao modelo presencial ainda neste ano.

Ainda assim, para aqueles que procuram uma opção mais barata, seja por economia ou necessidade, não precisamos necessariamente abandonar todos os produtos com agrotóxicos, já que algumas escolhas são seguras.

DICAS

O Grupo de Trabalho Ambiental (EWG) possui uma lista em que identifica quais alimentos contêm os mais altos e mais baixos resíduos de agrotóxicos. Com esses dados, você pode escolher entre quais são as melhores opções de se comprar de origem orgânica, agroecológica ou do agronegócio convencional.

A primeira dica é de que alimentos ingeridos sem a casca apresentam menor índice de resíduos de agrotóxicos no interior. Isso porque a casca atua como uma proteção contra o acúmulo dessas substâncias na parte interna.

Outra dica é que cebola e couve flor, por exemplo, não são alimentos que atraem pestes facilmente, assim, a quantidade de agrotóxicos utilizada costuma ser baixa, então também não são alvo de tanta preocupação quanto ao uso de pesticidas.

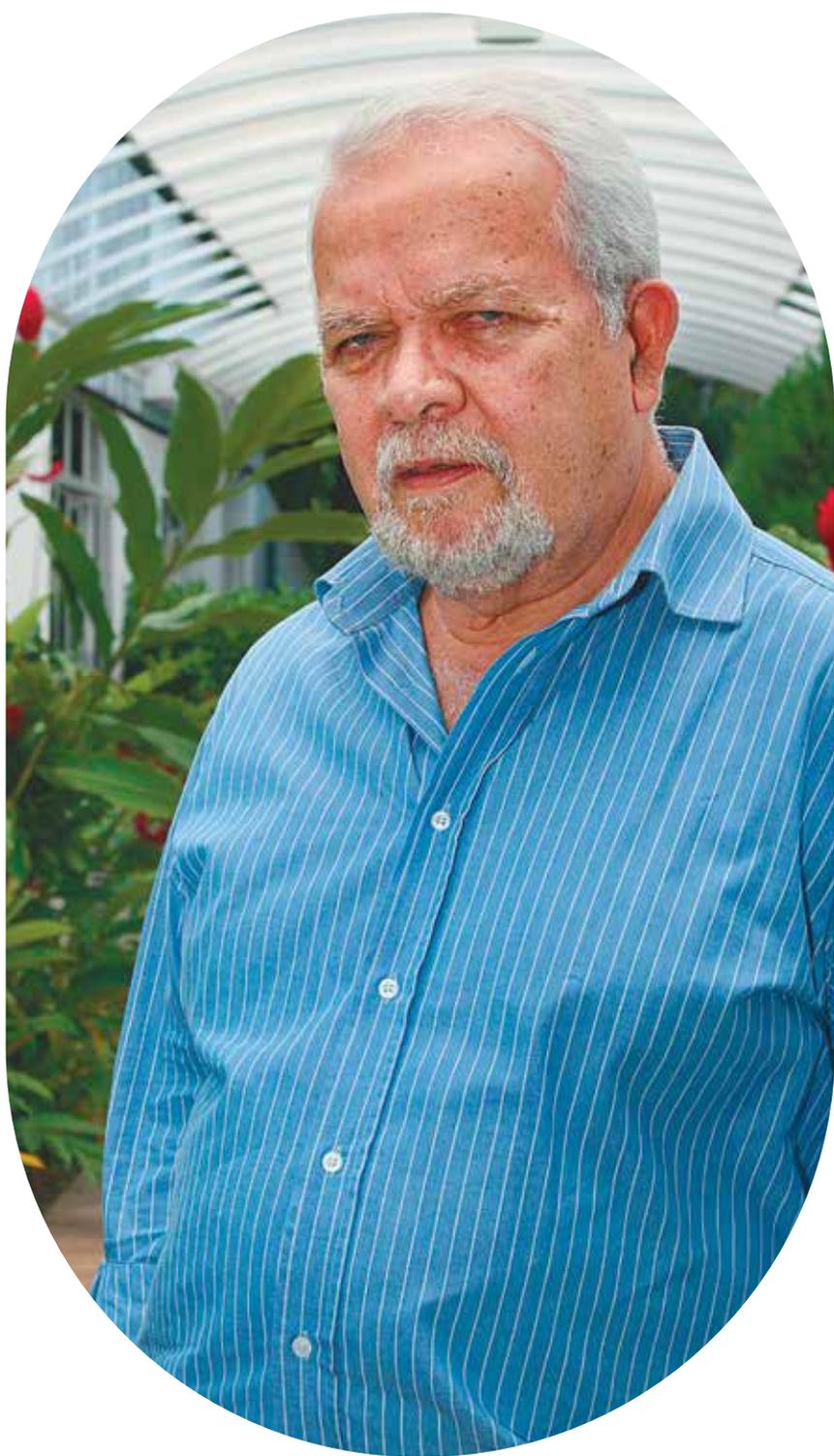
Entre janeiro e dezembro de 2021, o governo federal aprovou o registro de 500 agrotóxicos, recorde histórico desde 2000



ENTREVISTA

Paulo Ormino

ARQUITETO E ESCRITOR



O arquiteto, professor e escritor imortal da Academia de Letras da Bahia, Paulo Ormino, vai lançar mais um livro nesta quinta-feira, no Sebo Galáxias, no Cine Glauber Rocha. Em entrevista a Mário Kertész, na Rádio Metropole, o também jornalista falou sobre o lançamento e comentou, em uma boa conversa, sobre diferentes assuntos da cidade do Salvador.

Na orelha do livro “Navegação Errante: Memória de Viagens” (Editora Mondrongo), Carlos Ribeiro pontua: toda leitura é uma viagem. Ormino complementa: “Realmente, meu livro é uma viagem para qualquer leitor”. Com uma reunião de crônicas, algumas publicadas no Jornal A Tarde e outras inéditas, o arquiteto conta que apresenta um lado mais lúdico das suas usuais “detonações”.

“O elemento que une todas elas são minhas viagens. Eu viajei durante 20 anos, muito com a Unesco, fazendo relatórios em toda a América Latina, Caribe inclusive, e até mesmo à África Lusófona. Muito importante essa aproximação aliás, eu tive uma experiência muito interessante em Cabo Verde, em uma dessas crônicas eu relato isso. Cabo Verde é realmente um país que tem uma música notável. É um país crioulo, não é um país negro, nem branco. Eu viajei muito e tenho muitas histórias, não vou entrar em muitos detalhes porque tiraria a aventura”, brinca.

“É muito engraçado que eu mandei esse livro para algumas pessoas, e recebi, por exemplo, da Heloísa Prazeres, uma mensagem curiosa. Ela diz assim: ‘É bom que você tire férias um pouco de sua prosa detonadora’. Gostei disso”, diz.

FALTA O CAMINHAR

Mas porque a crítica do arquiteto e professor é sempre bem-vinda, ele falou também sobre a mudança no cenário das construções da capital baiana com o tempo. “Perdemos muito da vivência da cidade, agora somos uma cidade rodoviária, ou ferroviária, se você quiser, por causa do metrô”, pontua, sobre a falta de preservação natural e de projetos que favoreçam o pedestre nas ruas.

“Eu estive agora em São Paulo e pude ver que a cidade tem uma vegetação, dentro das avenidas, fantástica, além de passeios generosos onde se podem ter árvores. Aqui são passeios tão estreitos que a árvore não tem para onde crescer e, se você for caminhar, não sobra espaço entre a árvore e o muro. Não tem mais como a gente fazer aquilo que a gente fazia na Rua Chile, caminhar... eu me lembro que os governadores e prefeitos praticamente desfilavam ali”, conta.

“Agora você tinha figuras ali muito populares que faziam a crônica da cidade naquela época, como o Jacaré, a Dama de Roxo, era uma coisa de integração social que a gente perdeu, não tem mais. Perdemos as calçadas todas de Salvador. É uma pena”.



divulgação

ENTREVISTA

Branca Vianna

LINGUISTA E FUNDADORA DA RÁDIO NOVELO

Nos últimos anos, o formato de podcast narrativo se popularizou no Brasil e um dos produtos mais aclamados é a série *Praia dos Ossos*. Bem recebido pelo público, o podcast conta a história de Ângela Diniz e seu célebre assassinato, em 1976. Em entrevista à Mário Kertész, na Rádio Metropole, a idealizadora e apresentadora do programa, Branca Vianna, falou sobre os conteúdos no formato de áudio e, principalmente, sobre o machismo nos anos 1970.

“A Rádio Novelo é uma produtora de podcast que eu criei com um grupo de outras pessoas há quase 3 anos. Fundei para fazer podcast do tipo que a gente gosta de ouvir dos gringos. Então, a gente faz podcast narrativo — a gente faz podcast de entrevista, no estilo mesacast, mas o que a gente gosta mesmo de fazer são os podcasts narrativos. Um dos primeiros que a gente fez foi o *Praia dos Ossos*, que são oito episódios sobre a história da Ângela Diniz, uma mulher que foi assassinada nos anos 70 pelo namorado dela. Ela era uma socialite glamourosa, que estava sempre aparecendo nas capas de revista”, conta.

MACHISMO

Os episódios narram a história da vida de Ângela, além da história do crime e da defesa do namorado da socialite, Doca Street, que em um primeiro momento foi praticamente absolvido. “Usando aquela tese infame da legítima defesa da honra, a tese da defesa do advogado do namorado dela era que ele matou para defender a própria honra”.

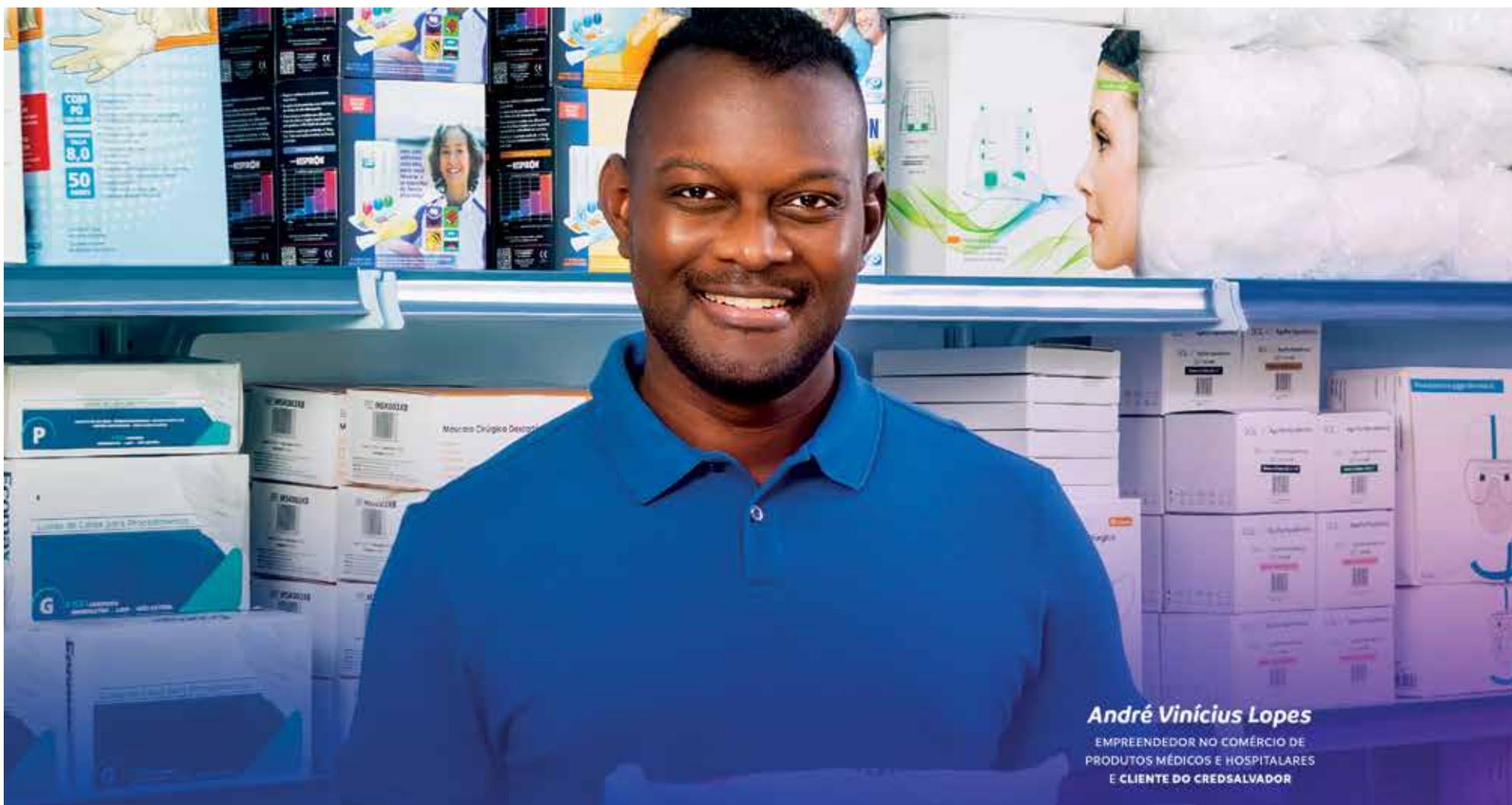
Durante o podcast, é possível ouvir trechos do julgamento. “O advogado da defesa chama ela [Ângela] de ‘vênus lasciva’ e de ‘prostituta da babilônia’, é uma coisa louca. E isso tudo porque ela era uma mulher desquitada, não tinha nem divórcio na época. E mulher desquitada era um termo pejorativo. O advogado coloca a culpa da morte nela. Imagina, ela tinha 32 anos quando morreu. E o que fazia na época era uma coisa que hoje em dia seria super normal. Separou do marido antes dos 30 e namorava pessoas. E ela gostava de namorar — o que na época era considerado imperdoável. Ela gostava de sexo, de namorar, de passeio, de festa. Era uma pessoa que gostava da vida. E o advogado do Doca tratou esse gosto dela pela vida como se fosse um gosto pela morte”, diz a produtora.

Ângela Diniz gostava de de sexo, de namorar, de passeio, de festa. Isso na época era considerado imperdoável

ENTREVISTAS



METROPOLE



André Vinícius Lopes
EMPREENDEDOR NO COMÉRCIO DE
PRODUTOS MÉDICOS E HOSPITALARES
E CLIENTE DO CREDSAVADOR

Um crédito fácil, rápido e
com juros baixos só podia
mesmo ter esse nome:

cred **S**alvador

A Prefeitura lançou o CredSalvador, microcrédito rápido, fácil e com juros baixos para você fazer crescer o seu negócio. Isso é bom para a sua empresa ou comércio e ótimo para a cidade, que ganha com mais empregos e mais renda. O CredSalvador é mais uma ação da Prefeitura para a nossa cidade dar a **Volta por Cima**.

VALOR DO
CRÉDITO:
DE R\$500 A
R\$15 MIL

PROGRAMA INCLUI
CAPACITAÇÃO
DOS BENEFICIADOS

CARÊNCIA DE
3 E 6 MESES E
JUROS DE 0,5%
AO MÊS

PRAZO DE
PAGAMENTO:
DE 06 A
24 MESES

Mais informações: credsalvador.nexoos.com.br



SALVADOR
PREFEITURA

PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL